



Problemas recreativos

CORRESPONDÊNCIA

O prémio correspondente ao trimestre Julho-Setembro, será sorteado pela lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, de 3 de Dezembro, sendo os números atribuídos a cada um dos charadistas concorrentes, os seguintes:

Alerta.....	1 a	333	Novata.....	4.663 a	4.995
Bandarra.....	334 a	666	O Profeta.....	4.996 a	5.328
Barrabás.....	667 a	999	Otrebla.....	5.329 a	5.661
Britabrantes.....	1.000 a	1.332	Paladino.....	5.662 a	5.994
Cagliostro.....	1.333 a	1.665	P. Rêgo.....	5.995 a	6.327
Costasilva.....	1.666 a	1.998	Preste João.....	6.328 a	6.660
Cruz Kanhoto.....	1.999 a	2.331	Radamés.....	6.661 a	6.993
Diabo Vermelho.....	2.332 a	2.664	Roldão.....	6.994 a	7.326
Elmintos.....	2.665 a	2.997	Sanaujo.....	7.327 a	7.659
Fred-Rico.....	2.998 a	3.330	Veste-se.....	7.660 a	7.992
Manelik.....	3.331 a	3.663	Visconde de Cam-		
Marcial.....	3.664 a	3.996	bolh.....	7.993 a	8.325
Marquês de Cari-			Visconde de la		
nhas.....	3.997 a	4.329	Morlière.....	8.326 a	8.658
Mefistófeles.....	4.330 a	4.662	Zéfran Cisco.....	8.659 a	8.991

O prémio deste Sorteio será constituído pelos 2 Dicionários de Roquete. No próximo número 114 serão publicados os resultados do n.º 112, conjuntamente com os resultados do n.º 113.

Novíssimas

1 — Oh «mulher» das Arábias!?! como é que você quere que num «rio» viceje um «arbusto verberáceo» — 3 — 2.

Sempre Fixe

Sincopadas

2 — 3 — Veja se consegue abrir numa pedra uma fresta oval sem esforço — 2.

Sempre fixe

3 — Esse favor é ao jornaleiro que o peço — 3 — 2.

Roldão

4 — Do meu terraço vejo o teu pátio — 3 — 2.

O Profeta

5 — O católico não quere comparação com aquêlê que não segue o catolicismo — 3 — 2.

P. Rêgo

Biformes

6 — Uma boa rede de meios de comunicação, é um dos pontos capitais para o desenvolvimento económico duma nação — 2.

Sanaujo

7 — Nem tôda a gente que tem destreza faz da mão direita o que quere — 2.

Zéfran Cisco

8 — Só um apoucado de inteligência teria recebido por êsse trabalho tão pequena quantia de dinheiro — 2.

Novata

9 — A mulher má faz o homem mau — 3.

Alerta

10 — Geométricas

Cortes angulares
«Planta»
«Árvore»
«Pintor português»
Nota
Letra

Mefistófeles

Duplas

11 — Um animal ferido gravemente, mesmo mortalmente, ainda tentou levantar-se — 4.

Visconde de Cambolh.

12 — Em virtude do perigo de que estavas ameaçado, eu previa já uma grande desgraça — 3.

Costasilva

13 — Deus lhe dê saúde! Oxalá viva por muitos anos! — 3.

Novata

14 — Êsses teus ditos agudos e mordazes não passam de palavreado — 2.

Fred-Rico

15 — Logogrifo

Foi num dia da espiga que encontrei
A sombra duma «árvore» a descansar-10-4-13-11-2-9-16-6
A «mulher» que eu outrora mais amei-12-11-15-6-9-16-4
-1-14

E de quem sempre me hei-de recordar.

Ser (*) «poeta» eu queria, p'ra cantar-10-8-9-5-17
Tão formosa «mulher», de encanto raro-3-7-10-8-14
Por tôda a vida hei-de sempre lembrar
Êste amor que p'ra mim foi muito caro.

Ela é bem linda e com todo o ardor
Eu hei-de amar essa deusa adorada-7-12-14
De tôdas a mais bela, essa flôr
Tão unanimemente consid'rada.

* poeta notável.

Sanaujo

(Continua na outra página interior da revista)

BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMPANHIA

PROPRIEDADE

DA COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO
PORTUGUESES

DIRECTOR

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Engenheiro Alvaro de Lima Henriques

ADMINISTRAÇÃO

LARGO DOS CAMINHOS DE FERRO — Estação
de Santa Apolónia

Editor: Comercalista Carlos Simões de Albuquerque

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Companhia

SUMÁRIO: A linha de cintura do Pôrto. — As Berlengas. — Cartas de «Um Português do Brasil». — Consultas e Documentos. — Passeio Fluvial. — III Dia da Natação. — Regente da Banda. — Curiosidades. — Errata. — Pessoal.

A linha de cintura do Pôrto

A linha de cintura do Pôrto ou, como primitivamente era designada, a linha de circunvalação, foi inaugurada em Setembro p. p., com a assistência de Sua Ex.^a, o Snr. Sub-Secretário de Estado das Obras Públicas e Comunicações, Sr. Eng.º Espregueira Mendes. O Conselho de Administração da Companhia fez-se representar pelo Sr. General Vasconcelos Pôrto e a Direcção Geral pelo Sr. Eng.º Lima Rêgo, Sub-Chefe da Divisão de Exploração.

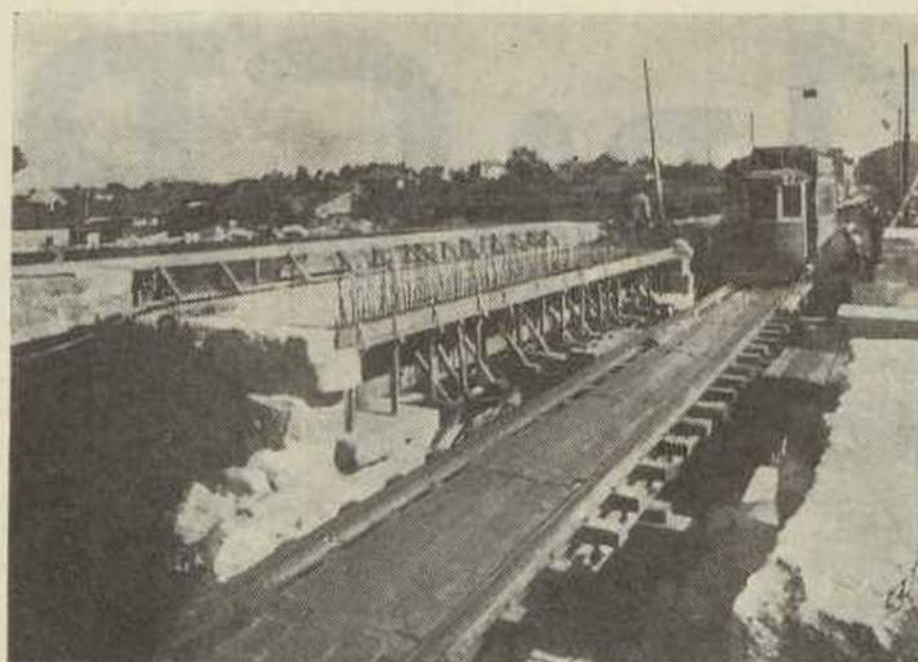
A importantíssima função económica que vai desempenhar esta linha justifica bem o interesse que todo o Norte tomou pela sua abertura. Como é do conhecimento geral, a activa ci-

dade do Pôrto, que é um dos maiores centros industriais e comerciais do País, em virtude das más condições de navegabilidade do rio Douro, teve necessidade de criar um pôrto artificial para o seu serviço. Este pôrto artificial é o de Leixões, a que está reservado um brilhantíssimo papel na expansão comercial do País. Foi construído

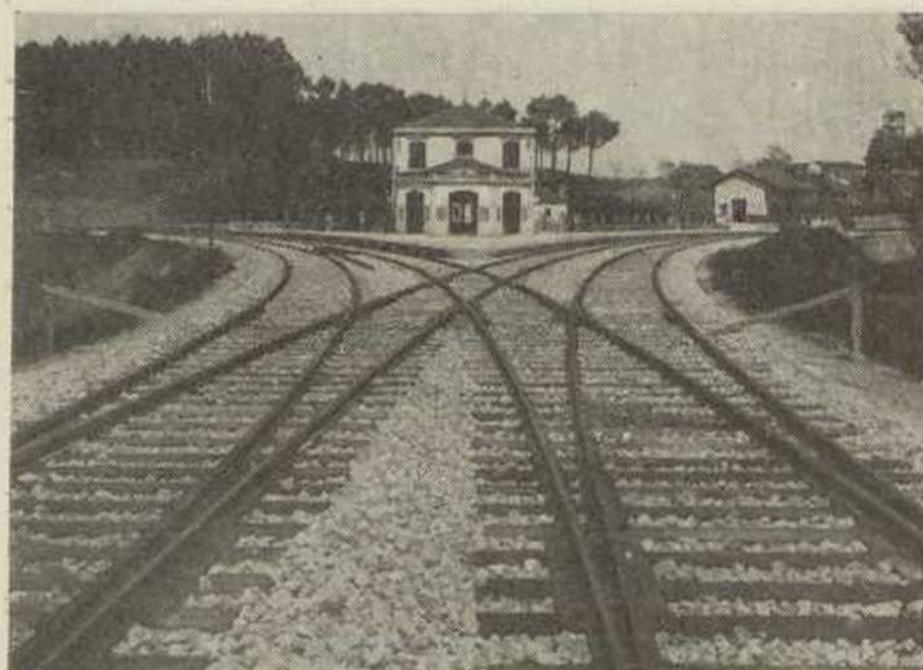
junto da vila de Matosinhos, a alguns quilómetros do Pôrto. Não é de admirar, pois, que, já em 1889, a lei que criou a Companhia das Docas e Caminhos de Ferro Peninsulares, encarregada da construção do pôrto de Leixões, previsse uma linha ligando a capital do Norte com o seu



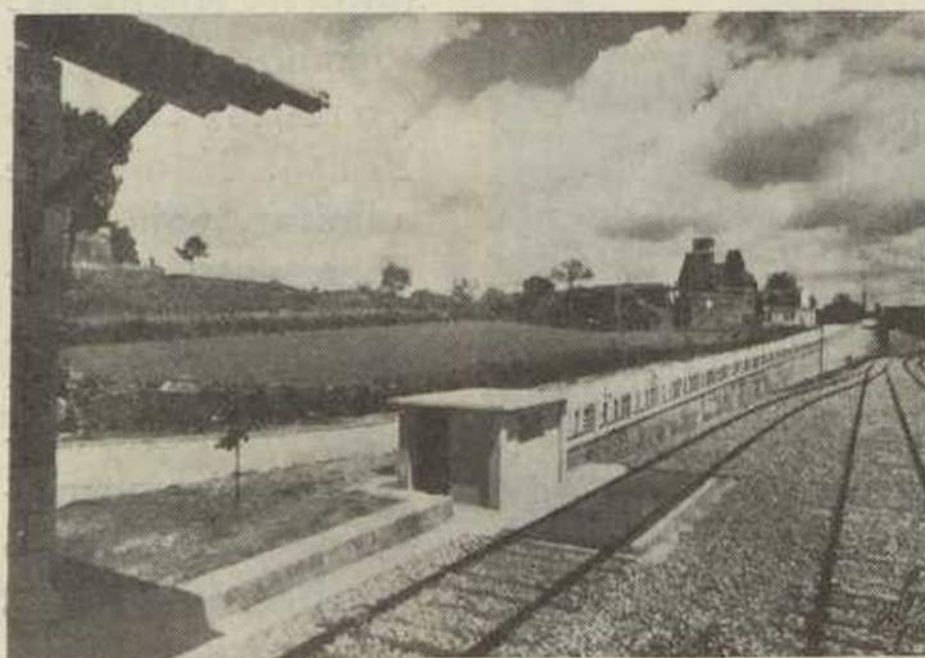
Estação de Leça do Balio — Edifício de passageiros



Pormenor da construção da passagem superior de S. Mamede de Infesta



Estação de S. Gemil



Estação de S. Gemil — Casa da báscula e entrada do lado de Contumil

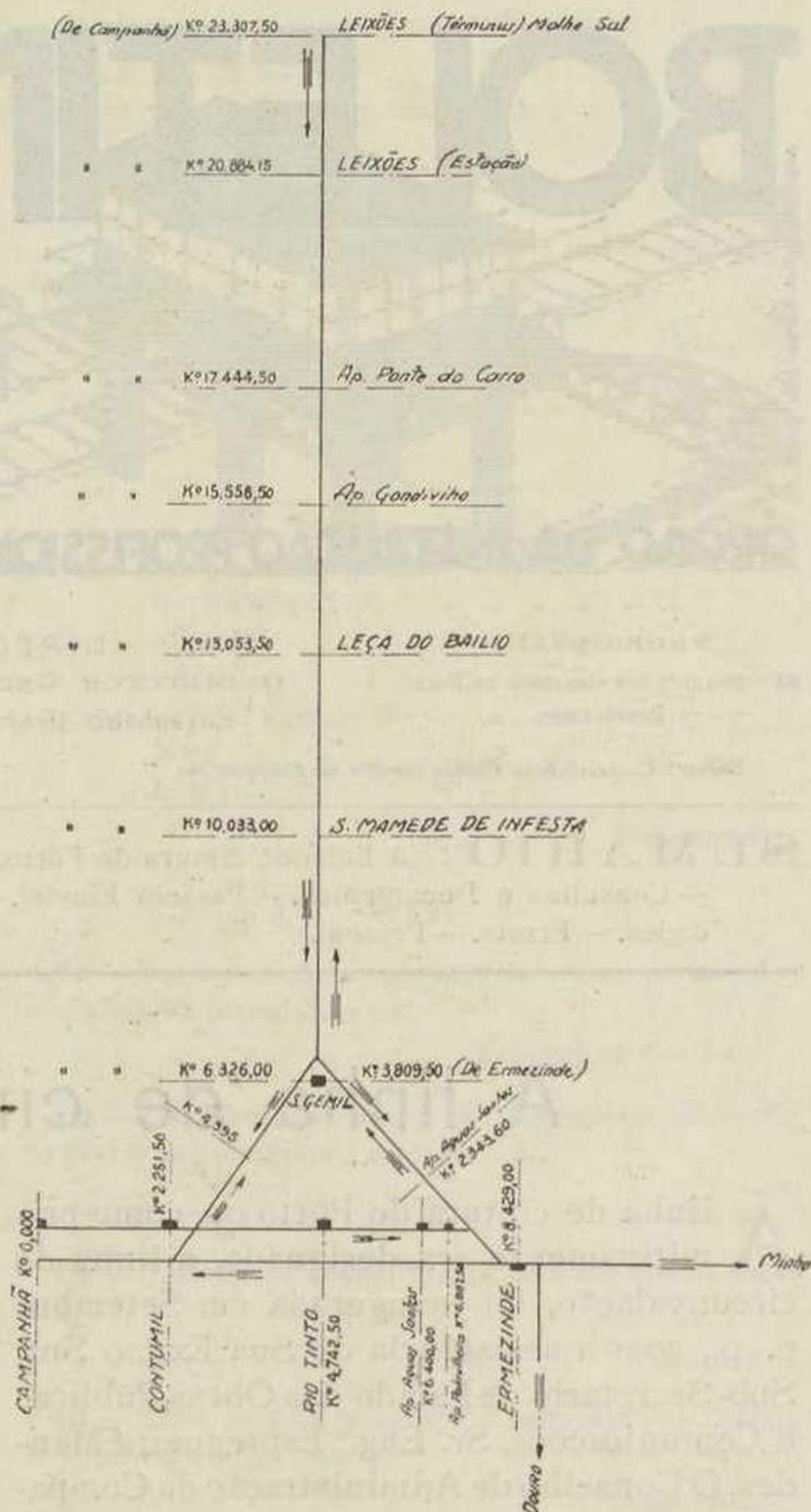


Diagrama da linha de cintura

pôrto artificial, linha esta que, segundo os projectos estudados, constituía um prolongamento do ramal de Alfândega.

«As apertadas características do ramal de Alfândega (Campanhã a Pôrto A) com rampas que excedem 20^{mm} por metro e o elevado preço da construção, tendo em vista as expropriações, os grandes túneis, o traçado marginal, difícil e ainda inestético, influíram decisivamente para se pôr de parte os referidos projectos.» (1)

(1) «Estudos e Construção da linha de Cintura do Pôrto». Publicação da D. G. de C. de F.



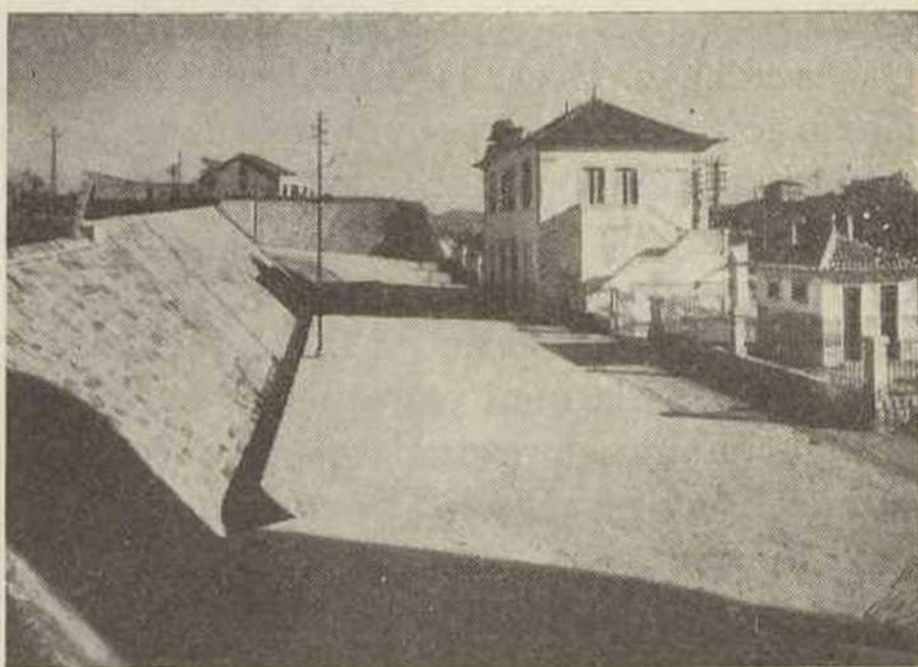
Entrada da estação de Leixões — Uma fase da construção

Não interessa à maioria dos nossos leitores a extensa história das vicissitudes por que passaram os projectos e estudos desta linha.

Ela figurava já, em 1900, no plano geral das vias férreas e data de 13 de Agosto de 1904 o primeiro projecto estabelecendo uma linha que, partindo de Contumil, termi-



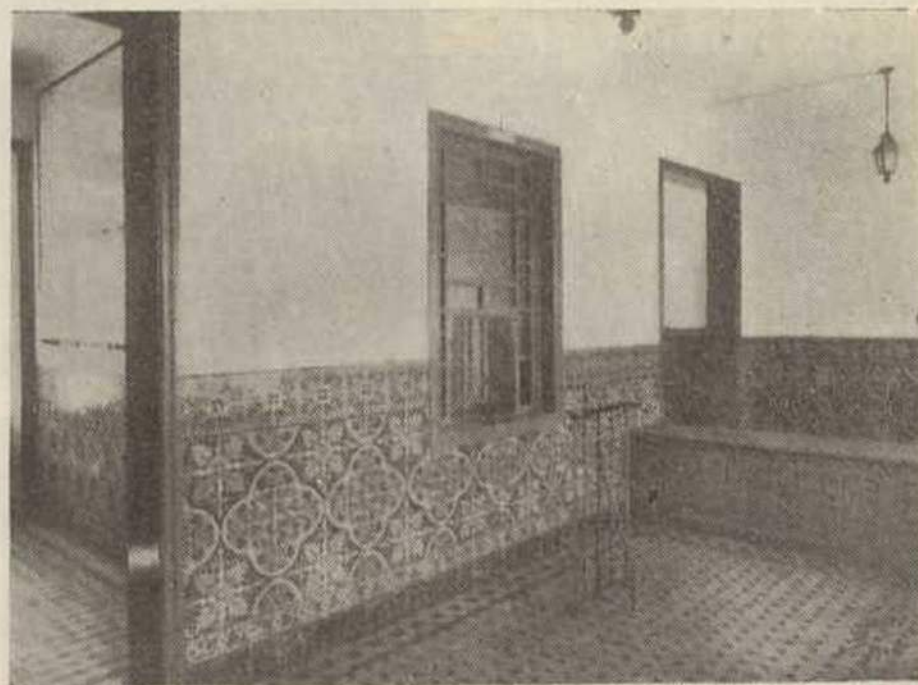
Estação de Contumil — Edifício de passageiros



Estação de Contumil — Lado do pátio



Estação de S. Gemil — Edifício de passageiros



Estação de Contumil — Vestibulo



Estação de S. Mamede de Infesta — Edifício de passageiros

nava em Leixões. Este projecto foi aprovado por portaria de 4 de Julho de 1905.

Fôram numerosos os traçados e as variantes estudados. Seria fastidioso enumerá-los mas o leitor curioso poderá satisfazer a sua curiosidade lendo a brochura que, por ocasião da abertura da linha, a Direcção Geral de Caminhos de Ferro publicou, intitulada «Estudos e Construção da Linha de Cintura do Pôrto» e da qual extraímos estas notas.

A primeira empreitada para a construção da linha foi adjudicada em 25 de Setembro de 1915 mas até 1927 estiveram as obras paralizadas freqüentemente. Só há sete anos é que começaram as mais importantes obras desta linha, tais como as terraplenagens, duas pontes, todos os edificios das estações e casas do pessoal, passagem superior em S. Mamede, estradas de acesso, etc., etc..



Leça — Casa da guarda

Embora esteja assente apenas uma via, as terraplenagens e obras de arte fôram feitas para via dupla. A outra via será colocada quando o tráfego a justificar.

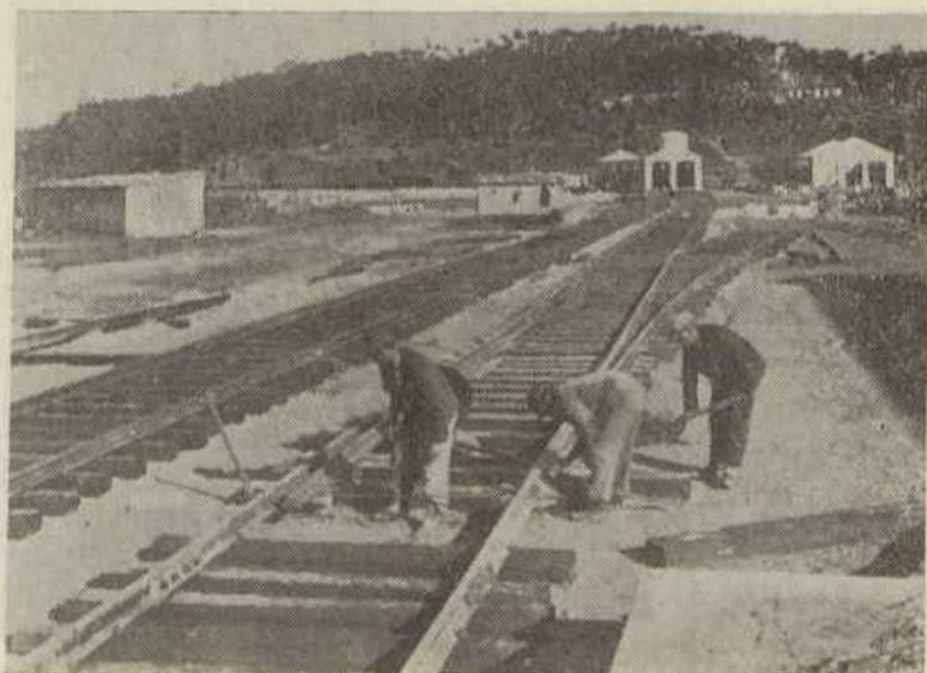
Cada carril empregado tem 18 metros de comprimento e 40 kg. por metro. O raio mínimo das curvas é de 300 metros.

Com a inauguração desta linha fôram abertas ao público as estações de S. Gemil, S. Mamede de Infesta, Leça do Balio e Leixões e os apeadeiros de Triana, entre Contumil e S. Gemil, e Ponte do Carro e Gondivinho, entre Leixões e Leça do Balio. A linha atravessa parte da cidade do Pôrto e os concelhos de Valongo, Gondomar, Maia e Matosinhos.

Nota: As fotografias que ilustram este artigo foram cedidas gentilmente pelo Ex.^{mo} Sr. Eng.^o Nogueira Soares, da Direcção Geral de Caminhos de Ferro.



Casa do capataz



Entrada em Leixões (construção)

AS BERLENGAS

Pelo Sr. Eng.^o *Borges de Almeida*, adjunto da Divisão de Via e Obras

A «Berlenga Grande» é uma ilha de sonho, emergindo do Atlântico, a uma hora de Peniche. As suas rochas erguem-se muitos metros acima do nível do mar.

Muitos a têm visto ao longe, como uma massa escura projectando-se no infinito e muito poucos conhecem os encantos que ela contém. O mar, que tanto atraíu as gerações passadas, tem sido, presentemente, a grande barreira que se tem oposto ao descobrimento da «Berlenga Grande» pelas gerações de agora.

Na segunda metade do século XVII, foi ali construído o castelo, pérola engastada nos rochedos da ilha, fortaleza bem ligada à nossa História. Visto do alto do farol, parece um brinquedo.

Teve a ilha o seu convento⁽¹⁾ e, certamente por isso, hoje, um dos seus lindos recantos, chama-se «praia do mosteiro».

No alto da ilha, ergue-se um potente farol, sentinela avançada da nossa costa, guarda daquelas paragens, anunciando à navegação a sua presença. Em dias e noites de nevoeiro, uma buzina eléctrica, avisa a navegação com toques continuos.

Além de tudo isto, tem também uma estação emissora.

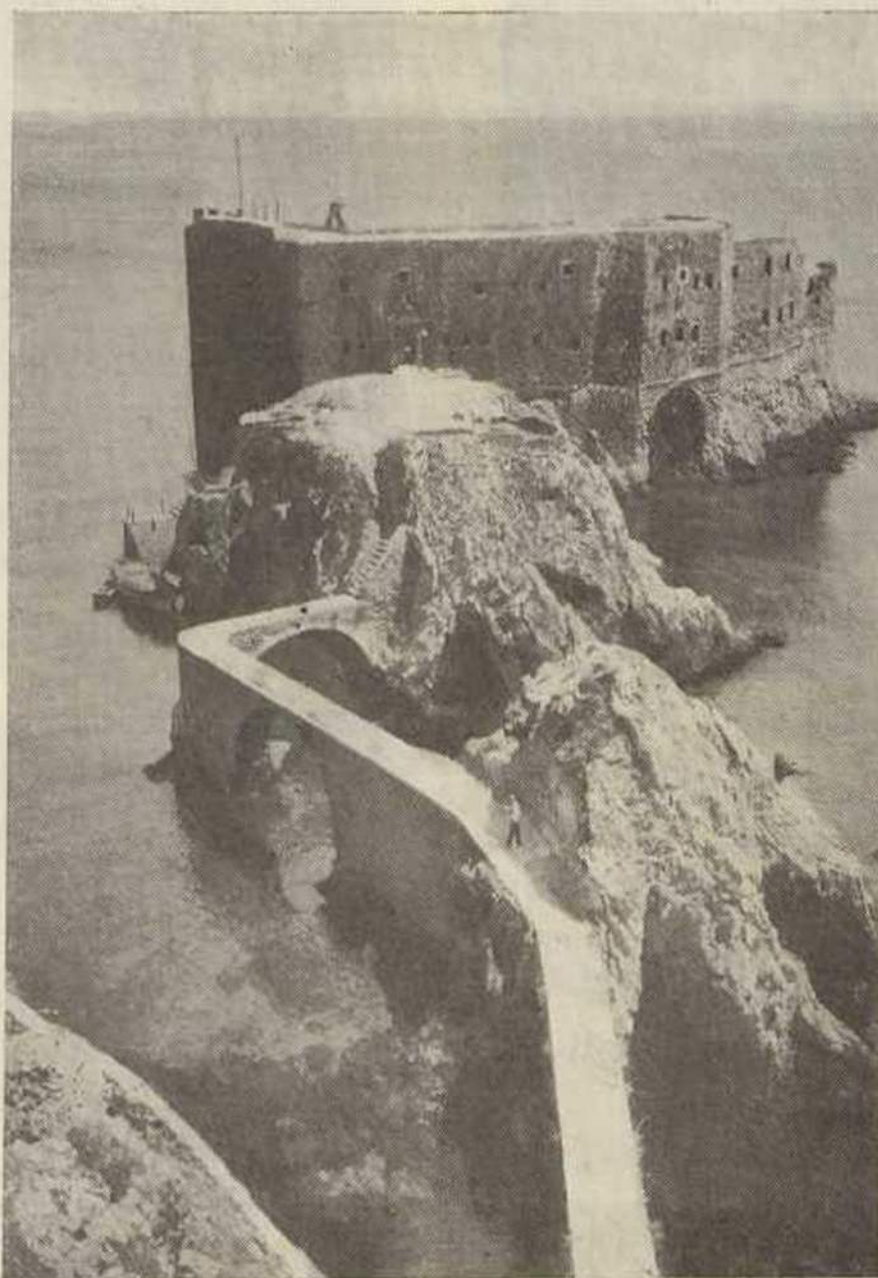
Já vai longe o tempo em que a costa portuguesa era conhecida pela «costa escura»...

Hoje, a mais de vinte milhas⁽²⁾ da costa, vê-se a luz dos nossos faróis indicando aos navios que passam as rotas que os portugueses traçaram primeiro que ninguém.

A vegetação da ilha é herbácea e alimenta centenas de coelhos bravos que constituem a reserva dos faroleiros, nos dias de inverno, quando a agitação do mar não permite a aproximação de embarcações para abastecimento.

Os rochedos têm uma magestade impressionante. São cortados por grutas enormes, verdadeiros túneis abertos na rocha. Por algumas, entra e circula uma traíneira sem ter que arrear o mastro.

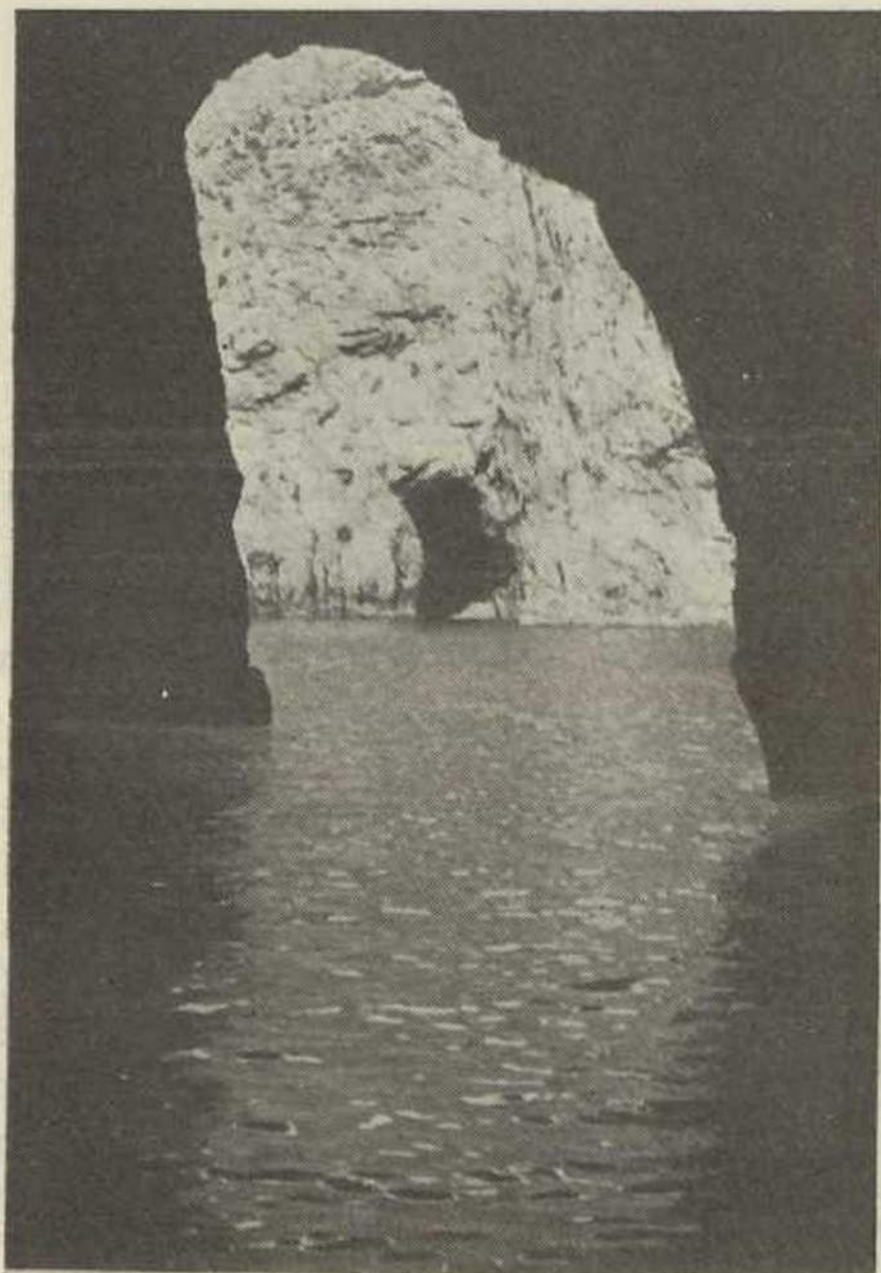
Um, conduzem ao mar, depois de terem passado por baixo da ilha; outras, levam-nos a aberturas abobadadas pela natureza, onde só chega uma luz ténue, permitindo que no alto se adivinhem as grandes massas de rochas, fazendo equilíbrios difíceis. Os rochedos têm reflexos diferentemente coloridos



Castelo da Berlenga

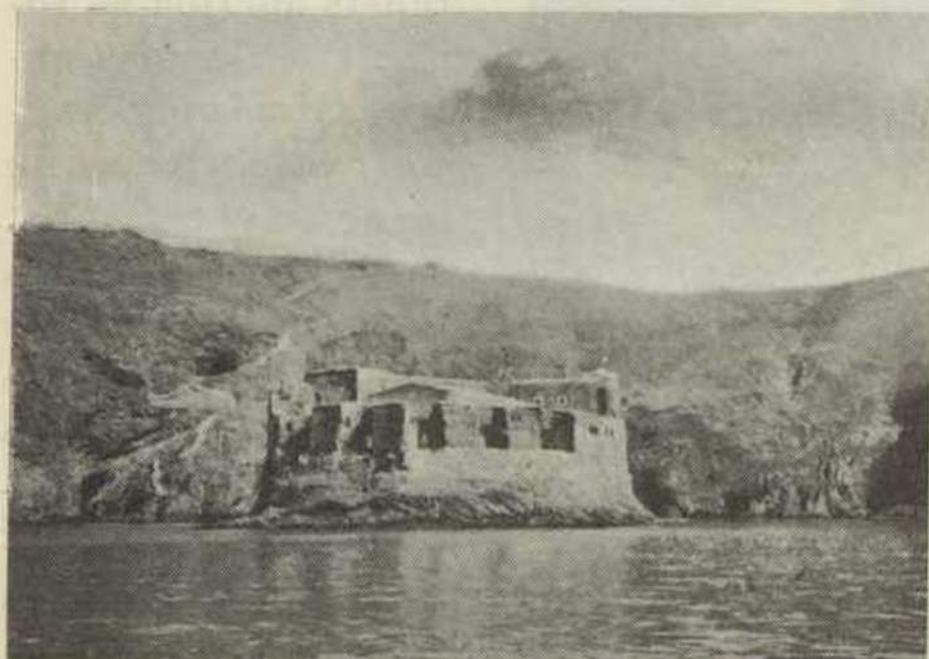
⁽¹⁾ De frades Jerónimos e fundado em 1513.

⁽²⁾ A milha marítima tem 1.852 m.

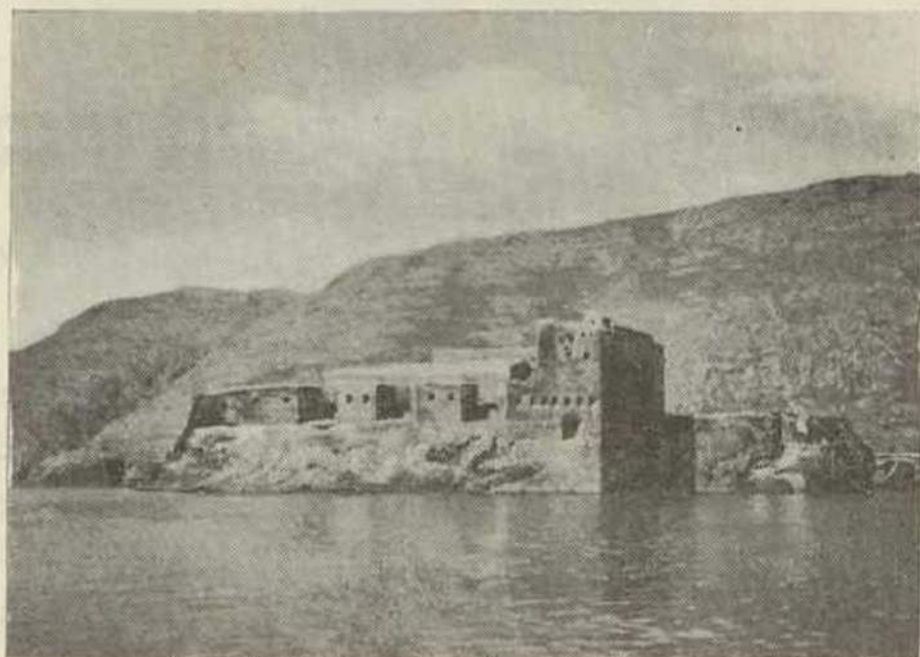


Berlenga Grande. Vista da Gruta do Sono (do lado do mar)
Ao fundo, a entrada para a Gruta do Salão

Cerca-nos um ambiente de mistério e uma grandeza que nos diminui! O silêncio é apenas quebrado pelo bater da água, que nos desperta daquele sonho em que o espírito voa para além da grandeza que nos envolve e o corpo é embalado na frágil embarcação que nos conduz...



Berlenga Grande. O castelo visto do mar



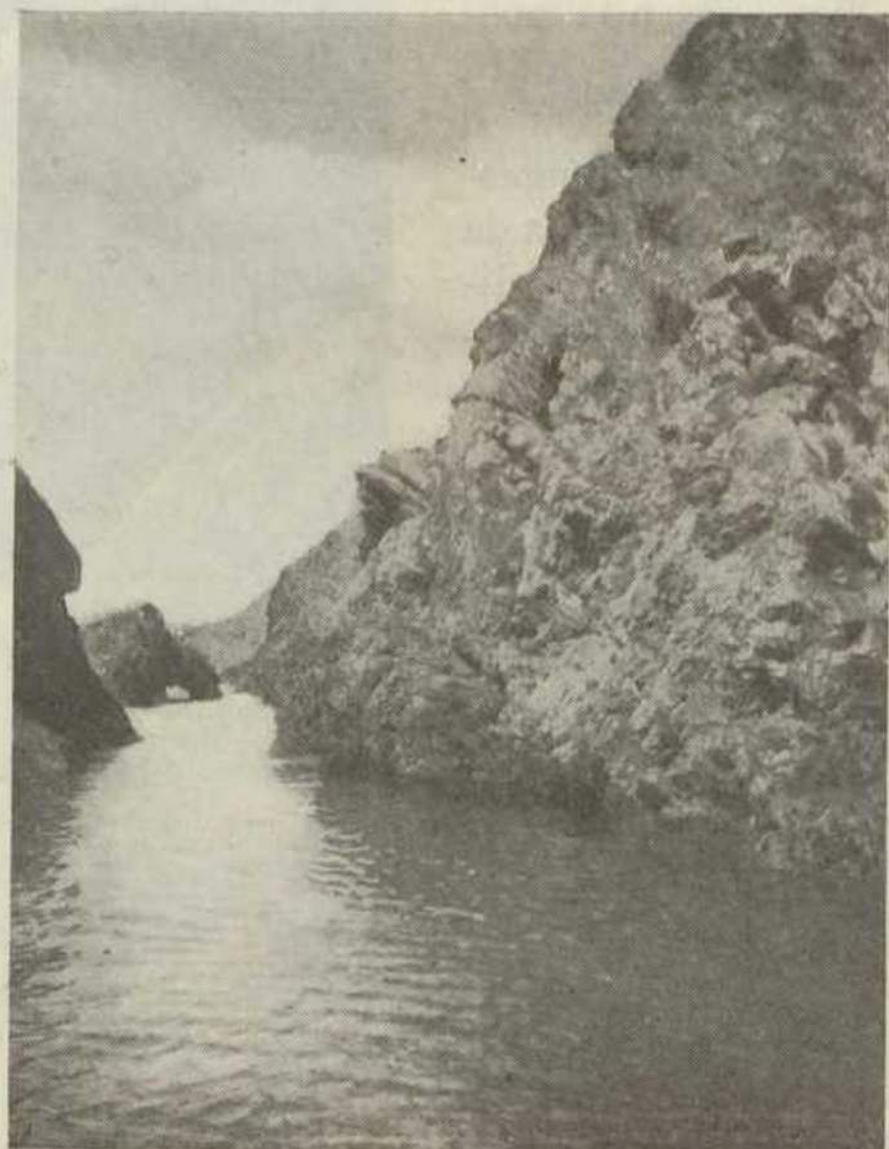
Berlenga Grande. Outro aspecto do forte, visto do mar

A «Gruta do Sono», a maior de todas, choca o visitante pela imponência da sua entrada e pela vastidão do recinto.

No alto, as gaivotas em vôos circulares, parecem andorinhas volteando com serenidade.

Tem uma cúpula enorme, bem talhada, onde o eco repercute os sons que vêm da tristeza oceânica do mar.

O «Carreiro dos Cações», com rochedos



Berlenga Grande. O Carreiro dos Cações



Berlenga Grande. A entrada da Gruta do Sono

fantásticos dum e doutro lado, oferece a grandiosidade duma avenida, ladeada de penhascos desconformes, povoados por muitos milhares de gaivotas que ali fazem os ninhos e recebem os visitantes com uma gritaria selvagem, único e estranho acompanhamento naquela solidão.

A água do mar é límpida como cristal.

Vê-se o fundo com uma vegetação exuberante e eminentemente colorida sob a acção dos raios solares. Milhões de peixes de todos os tamanhos, nadam serenamente. Aqui e acolá, viveiros flutuantes de lagostas que se podem adquirir a 3\$50 cada uma!...

E este mar, tão lindo, tão acolhedor, não parece aquêle outro que, certos dias, rugue furioso contra os rochedos, desfazendo-se em espuma branca, nunca deixando transparecer a fôrça formidável com que abre as grutas... A violência dos seus embates, vai auxiliando o rolar dos anos, comendo os muros da vetusta fortaleza, roendo cunhais e abrindo brechas.

A Berlenga Grande começa a ser conhecida e visitada. Perdida muito tempo, os seus encantos começam agora a ser desvendados.

As excursões sucedem-se e alguns estrangeiros, e até portugueses, já ali permanecem alguns dias contemplando o mar, presos pelos encantos da linda ilha, vivendo do que levam e da pesca fácil e abundante.

O castelo (1) tem um único guarda: um soldado reformado que ali vive há 24 anos, simpático, côr de bronze, considerando-se dono de tão linda vivenda. Ali quer morrer, já que ali tem vivido sem os incómodos da civilização.

Nota: As fotografias são do autor do artigo.

(1) O forte é de tijolo e foi construído em 1676.

Ser alegre é ser forte; a fôrça é uma alavanca.

Só é forte quem tem a consciência branca.

Guerra Junqueiro

Carta de «Um Português do Brasil»

Pelo Snr. António Montes, Chefe de Secção de Conservação da Divisão de Via e Obras

QUANDO hoje cheguei á Emissora Nacional, para fazer a habitual palestra sobre «Terras de Portugal», foi-me entregue uma carta, assinada por «Um Português do Brasil», que constitue uma lição de são nacionalismo. Com a sua leitura fica preenchida a palestra de hoje.

«Todos os anos, mal chega o verão, disponho-me a passar umas merecidas férias na Europa.

O Brasil, onde há mais de trinta anos exerço a minha actividade, não me oferece quaisquer novidades, e as saudades da Pátria mato-as, de cinco em cinco anos, nos curtos meses passados com a família numa aldeia transmontana abrigada pelas alturas do Marão.

No ano passado, não me correram as coisas como era costume!

Pensei em ir á Alemanha, país que não conhecia, mas cuja vida me diziam andar á volta de constantes paradas, animadas por marchas de guerra e toques de clarim; na França, a política da «Frente Popular» afastava-me; na Itália, discutia-se apaixonadamente a guerra com a Abissínia; e, em terras de Espanha, desencadeava-se a luta mais brutal do nosso tempo!

Então, passou-me pela cabeça visitar Portugal, corrê-lo de ponta a ponta, estudar as suas actividades, olhar os seus costumes, examinar o seu progresso, apreciar os seus monumentos e os seus castelos roqueiros, contemplar as suas paisagens e a beleza das suas praias e termas. Na verdade, a-pesar-de ter nascido em Portugal, eu desconhecia a minha terra, da qual me tinha afastado com poucos anos, em busca de fortuna. Mal conhecia a provincia de Trás-os-Montes, pois o resto do país—triste é dizê-lo—, ignorava-o!

Estava já decidido a passar as minhas férias em Portugal quando, numa agência de turismo, se me deparou um cartaz berrante onde se liam as seguintes palavras:

— «*Portugueses do Brasil: — Ninguém*

pode amar a sua terra sem primeiro a conhecer. Visitem Portugal.».

Dias depois, tomava no Rio de Janeiro um barco alemão, que se dirigia ao Porto. Ia, finalmente, conhecer Portugal — a terra bemdita de Santa Maria!

*

Horas depois da chegada a Leixões, parti para Viana do Castelo, engrinaldada por motivo das festas da Agonia. Delirei com o ruído ensurdecador dos «Zés Pereiras», olhei o traje pintalgado das moçoilas minhotas — de colorido igual ao das cangas policromas dos bois — e contemplei embevecido o panorama, variado e pitoresco, que a vista abrange do Monte de Santa Luzia.

Estive em Barcelos — solar dos Duques de Bragança. Corri a Braga e, depois de visitar o Sameiro e o Bom Jesus do Monte, fui a Guimarães — Cidade Berço da Nacionalidade — onde evoquei a figura heróica de D. Afonso Henriques!

Mirei o Tâmega, em Amarante, trepei as encostas escavadas do Marão para dizer adeus aos meus, e, depois dumas horas em Vila Real, fui a Bragança, onde vi um museu muito curioso.

Descendo para Miranda do Douro, visitei a Sé e vi bailar os «pauliteiros», que há anos causaram sucesso em Londres.

Estive em Lamego e, do Santuário da Senhora dos Remédios, namorei, maravilhado, a paisagem impressionante do Alto-Douro, bemdizendo a hora em que tinha resolvido visitar Portugal!

Desci para Viseu, onde admirei as tábuas de «Grão Vasco», e, seguindo pelo Vale do Vouga, de beleza inesquecível, fui a Coimbra, a Coimbra das tricanas e dos estudantes, onde os salgueiros parecem chorar ainda os amores de D. Pedro e D. Inês.

Atravessei a encantadora Serra da Lousã, percorri os lugares por onde andou, estudando a vida do povo, o mais português dos

pintores de Portugal. Estive em Tomar, onde me extasiei defronte da janela da «Casa do Capítulo», demonstração forte dum país de navegadores, e, depois de rezar na terra sagrada de Fátima, desci para a Batalha, padrão notável da nossa Independência sob cujas abóbadas dorme a «inclita geração».

Leiria ficava perto, o que me levou a visitar um dos mais lindos castelos de Portugal, onde me pareceu ouvir o doce rumor dos passos da Rainha Santa!

Ao passar pela capelinha de S. Jorge, junto do local memorável da Batalha de Aljubarrota, evoquei a figura gigantesca do Condestável. Entrei no Mosteiro de Alcobaça, habitado noutro tempo pelos monges bernardos, que tão altos serviços prestaram às artes e às letras, e, depois de percorrer uns quilómetros de estrada lindíssima, que os pinheirais perfumam, passei um dia delicioso na Nazaré, onde os costumes da gente do mar me encantaram profundamente.

Estava a terra em festa por motivo da chegada dos cirios, cortejos cheios de pitoresco e de fé, e, uma hora depois, visitei Óbidos, com o seu perfil medieval de vila adormecida, próximo das Caldas da Rainha, onde a figura majestosa da Rainha D. Leonor me mostrou a bondade da gente portuguesa!

*

Lisboa prendeu-me oito dias. Corri os seus templos e museus, visitei os bairros característicos de Alfama e Mouraria, onde ouvi cantar o fado. Dos seus miradoiros afamados, olhei a «Cidade das Sete Colinas». Enamorado, contemplei os rendilhados da Torre de Belém e dos Jerónimos. Estive em Cascais e no Estoril. Ouvi os carrilhões de Mafra, e fui a Sintra, a Sintra que Lord Byron cantou como ninguém!

Amigos que há muito não via, levaram-me a Santarém, donde avistei a lezíria ribatejana, e, à volta, ao passar por Vila Franca, assisti a uma animada festa de campo, com toiros e campinos, onde não faltou aprumo e valentia. E, para que me ficasse gravado para sempre na memória aquêlê torneio vigoroso, deram-me um manjar esplêndido,

cozinhado por pescadores, a que dão o nome de «caldeirada à fragateira»!

Num dia de sol lindíssimo, fui à Serra da Arrábida, onde admirei um dos mais belos panoramas marítimos. Subi ao Castelo de Palmela e, em Setúbal, saboreei vinhos afamados e laranjas deliciosas, indo dali para o Algarve, província risonha, com ar mourisco, clima temperado e um céu fortemente azul, que me fez lembrar o Mediterrâneo!

Estive em Sagres, onde me pareceu ver surgir a figura gloriosa do Infante D. Henrique apontando aos nossos navegadores o caminho dos mares.

Contemplei, maravilhado, a ampla baía de Lagos, donde partiram as caravelas do Sonho e da Epopeia; almocei junto dos rochedos doirados da Praia da Rocha; e, horas depois, encontrava-me em Faro — a capital da província das chaminés rendilhadas!

Por entre figueiras e amendoeiras, segui para o Alentejo. Mudou tanto a paisagem, que cheguei a convencer-me estar noutro país! Mas não, estava ainda em Portugal, pois encontrei em Évora o mais completo compêndio de História Pátria!

Numa noite luarenta, peregrinei por ruas curiosas, atravessadas de arcarias. Visitei monumentos de tôdas as épocas e de todos os estilos. Olhei janelas curiosíssimas, percorri cláustros de conventos, e encantei-me com o traje dos camponeses, cobertos de peles, ao lado de pesados carros de canudo, puxados por possantes muares guisalheiras.

Saboreei doces esplendidos, feitos com receitas importadas dos antigos conventos, admirei o interessante mobiliário regional, e, dos terraços da Sé Catedral, vi o pôr do sol, um dos mais belos espetáculos da terra alentejana! Estive em Arraiolos, terra que as afamadas tapeçarias tornaram célebre; passei por Extremoz, donde olhei os campos da batalha do Ameixial; vi de longe Évora-Monte, notável por ali se ter assinado a histórica Convenção.

Em Vila Viçosa, visitei o Palácio dos Duques de Bragança, e dali segui para Elvas, praça forte cheia de interesse, cujas muralhas servem de moldura à casaria branca

duma terra ativa que passa a vida a olhar terras de Espanha!

No dia seguinte, parti para Portalegre. Atravessei a linda Serra de S. Mamede; fui a Castelo de Vide, vila pitoresca rodeada de olivedos e estive em Marvão, ninho de águias erguido pela mão de Deus, no alto de penhascos agrestes!

Em Nisa, vi fabricar cantarinhos de barro, de rara elegância; estive em Abrantes, donde admirei um lindo panorama; e, de fugida, contemplei, extasiado, o Castelo de Almourol, que os Templários ergueram a meio do Tejo, à volta do qual correm lendas curiosíssimas.

Passei por Castelo Branco, onde visitei os jardins do Paço dos Bispos e, na Covilhã, vi fabricar tecidos dos melhores. Fiz alpinismo na Serra da Estrêla, onde passei três dias, que não mais me esquecem, na doce contemplação de lagoas sorridentes e de paisagens impressionantes!

Depois dum dia no Bussaco, onde recordei os feitos brilhantes da Guerra Peninsular, corri à Figueira da Foz, praia de banhos lindíssima, e, antes de seguir para o Pôrto, demorei-me umas horas em Aveiro, terra romântica de águas calmas, onde vi as mais lindas mulheres da nossa terra!

Comi ovos moles, provei os afamados mexilhões e, para não faltar nada, dei um passeio pela ria, num barquinho de proa revirada, conduzido por um pescador que não se cançava de entoar os lindos cantares daquela região encantadora!

*

Três semanas depois, estava de novo no Pôrto, bebendo o magnífico «Vinho do Pôrto», um dos mais notáveis embaixadores de Portugal!

Peregrinei pela cidade. Passei uma manhã divertida no Cais da Ribeira, vendo descer, Douro abaixo, os graciosos barcos rabelos. Assisti a uma feira em Matosinhos, onde vi bailar ao som de cavaquinhos, por entre festões de verdura e malgas de vinho verde...

Horas depois, tomava, em Leixões, o barco que me trouxe a terras de Santa Cruz!

Um grupo de portugueses — dos muitos que moirejam a vida na terra irmã — aguardava-me com ansiedade. Queriam ver-me, abraçar-me e, mais do que isso, queriam saber se me tinham agradado as férias que, pela primeira vez, passara em Portugal.

Contei-lhes o que vira. Falei-lhes dos nossos monumentos, das nossas paisagens, dos costumes do nosso povo, das suas festas e romarias, dos seus manjares aprimorados, dos seus doces apetitosos, dos seus vinhos esplêndidos.

Descrevi-lhes as nossas belezas, os nossos castelos, os antigos conventos, as nossas indústrias regionais, e, com alegria, com satisfação, falei-lhes do nosso clima, da nossa gente hospitaleira, que recebe sempre, de braços abertos e coração nas mãos, as pessoas que a visitam!

Recordei o nosso país de maravilha, aconselhei os meus amigos a passarem as suas férias em Portugal, e não resisti à tentação de dizer à agência de viagens, onde tinha ido meses antes, que o réclamo a Portugal era merecido, pois a terra portuguesa, além de ser a mais bela que o sol cobre, guarda em seu poder algumas das mais belas páginas da história de todo o mundo!

Como acabava de verificar, «*Portugal não é um país pequeno*», mas uma grande e próspera nação que, nesta hora incerta, atravessa uma época de ressurgimento, verdadeiramente notável, que deve constituir motivo de orgulho para todos os portugueses!

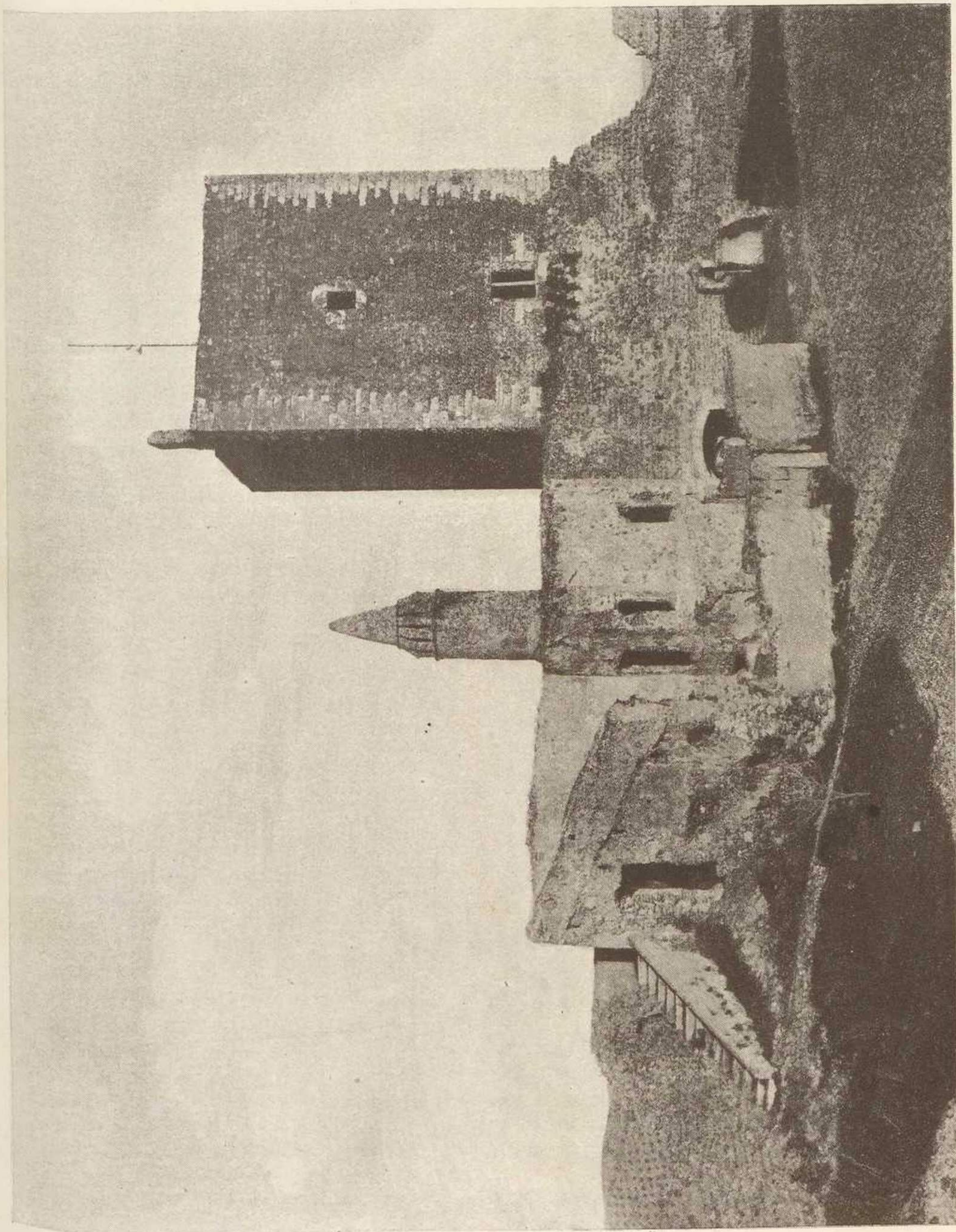
E nunca mais, depois desta viagem agradável pela terra onde tinha nascido e que criminosamente desconhecia, me esqueceu o cartaz berrante, onde se liam as seguintes palavras:

— «*Portugueses do Brasil: — Ninguém pode amar a sua terra, sem primeiro a conhecer. Visitem Portugal*».

Rio de Janeiro, Março de 1937.

Um português do Brasil.

Palestra da série «Terras de Portugal» proferida na Emissora Nacional.



PORTEL

Fotoq. do Eng.º Ferrugento Gonçalves, Sub-chefe de Serviço

Consultas e Documentos

CONSULTAS

Movimento

Livro 2

P. n.º 740. — Por ter dúvidas sobre o que diz a C./Circular do Serviço do Movimento n.º 532, peço me esclareça o seguinte:

Em via dupla, também se devem anunciar combóios extraordinários em sentido contrário, isto é, deve colocar-se uma bandeira vermelha no cabeçote da máquina? Caso afirmativo, peço dizer-me de que lado — direito ou esquerdo?

Por exemplo: efectuando-se o comboio n.º 3069 com mercadorias, de Mogofores até Gaia, qual o comboio ou comboios que o devem anunciar? E como?

R. — Segundo o determinado na C./Circular n.º 532 do Serviço do Movimento, realizando-se o comboio suplementar n.º 3069 o seu anúncio, pelos sinais dos comboios, deve ser feito:

Pelo comboio n.º	23	entre Mogofores e Estarreja.
»	»	» 2104 » Avanca e Estarreja.
»	»	» 24 » Espinho e Avanca.
»	»	» 1517 » Espinho e Granja.
»	»	» 1516 » Valadares e Granja.
»	»	» 1518 » Gaia e Valadares.

A bandeira vermelha deve ser colocada do lado direito do cabeçote da máquina, em conformidade com a alínea f) do Art. 40.º do Regulamento de Sinais.

Livro E. 7

P. n.º 741. — A-fim-de se evitarem dúvidas na aceitação de requisições para o transporte de pessoal das entidades com quem a Companhia tem conta corrente, peço seja esclarecido sobre o prazo de validade das ditas requisições.

R. — Só o Ministério da Guerra não aceita requisições cujos transportes sejam fornecidos em mês diferente daquele em que é passada a requisição.

Os restantes Ministérios não fazem reparo nas datas, pelo que as requisições podem ser aceitas em mês diferente, desde que estejam, é claro, devidamente autenticadas.

As requisições da Misericórdia de Lisboa, têm indicado o prazo de validade.

DOCUMENTOS

I — Tráfego

Aviso ao Público A. n.º 576. — Anuncia a abertura à exploração da linha de Cintura do Porto — Trôço de Leixões a Contumil e a Ermezinde — com indicação das distâncias quilométricas das suas estações e apeadeiros e respectivo serviço que prestam.

Aviso ao Público A. n.º 577. — Anuncia a entrada em vigor da nova Tarifa Especial n.º 1 — Passageiros — Bilhetes para comboios tranvias.

Aviso ao Público A. n.º 578. — Anuncia a entrada em vigor da nova Tarifa Especial n.º 4 — Passageiros — Bilhetes de assinatura.

Aviso ao Público A. n.º 579. — Anuncia a entrada em vigor da nova Tarifa Especial n.º 2 — Passageiros — Bilhetes a preços especiais de aplicação local.

Aviso ao Público A. n.º 580. — Anuncia a entrada em vigor da nova Tarifa Especial n.º 9 — Passageiros — Bilhetes de ida e volta para viagens de «fim-de-semana».

Tarifa Especial n.º 1 — Passageiros — Bilhetes para comboios tranvias. — Nova tarifa, em vigor desde 1 de Outubro de 1938, que anula e substitue a Tarifa Especial Interna n.º 3 de G. V., de 15 de Maio de 1932, e seus aditamentos.

Tarifa Especial n.º 2 — Passageiros — Bilhetes a preços especiais de aplicação local. — Nova tarifa, em vigor



Vista de bordo

Fotog. de Jaime de Moraes Pereira, Empregado de 2.ª classe da Contabilidade Central.

desde 1 de Outubro de 1938, que anula e substitue a Tarifa Especial Interna n.º 11 de G. V., de Novembro de 1922, e seus aditamentos e bem assim os Avisos ao Público A. n.º 356, de 17 de Novembro de 1932 e A. n.º 500, de 10 de Setembro de 1936.

Tarifa Especial n.º 4 — Passageiros — Bilhetes de assinatura. — Nova tarifa, em vigor desde 1 de Outubro de 1938, que anula e substitue a Tarifa Especial Interna n.º 14 de G. V. da Antiga Rêde, de Novembro de 1922, e seus aditamentos, o Capítulo III da Tarifa Especial Interna n.º 1 de G. V. do Minho e Douro, de Janeiro de 1923 e seus aditamentos, e o Capítulo III da Tarifa Especial Interna n.º 1 de G. V. do Sul e Sueste, de Janeiro de 1923, e seus aditamentos.

Tarifa Especial n.º 9 — Passageiros — Bilhetes de ida e volta para viagens de «fim-de-semana». — Nova tarifa, em vigor desde 1 de Outubro de 1938, que anula e substitue a Tarifa Especial In-

terna n.º 21 de G. V., de 2 de Novembro de 1931, e seus aditamentos.

Carta-Impressa n.º 25. — Suprime a cobrança do Adicional de 10%, a que se refere o Aviso ao Público A. n.º 559, a partir de 1 de Outubro de 1938.

Carta-Impressa n.º 26. — Informa que os preços das novas tarifas não estão sujeitos a qualquer recargo e são de aplicação imediata em toda a rede explorada pela Companhia.

Comunicação-Circular n.º 60. — Recomenda que se elucidem os expedidores de remessas de caça, de que estas podem ser apreendidas pelas autoridades competentes no caso de não levarem mencionados o nome e morada do remetente.

II — Fiscalização

Circular n.º 874. — Indica as prescrições a observar na aplicação da Tarifa Especial n.º 1

— Passageiros, em vigor desde 1 de Outubro de 1938.

Circular n.º 875. — Dá instruções para a execução das disposições da Tarifa Especial n.º 4 — Passageiros, em vigor desde 1 de Outubro de 1938.

Circular n.º 876. — Indica as prescrições a observar na aplicação da Tarifa Especial n.º 2 — Passageiros, em vigor desde 1 de Outubro de 1938.

Circular n.º 877. — Indica as prescrições a observar na aplicação da Tarifa Especial n.º 9 — Passageiros, em vigor desde 1 de Outubro de 1938.

Circular n.º 878. — Refere-se à cessação, desde 1 de Outubro, do adicional de 10%, de que trata o Aviso ao Público A. n.º 559, chamando a atenção para esse facto e para o que diz respeito à continuação da cobrança dos adicionais de 10% e 5%, anteriores àquele.

Comunicação-Circular n.º 107. — Alude ao despacho, como bagagem, de pequenos volumes de recovagem.

Carta-Impressa n.º 162. — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 2.ª quinzena do mês de Agosto de 1938 e que devem ser apreendidos.

Carta-Impressa n.º 163. — Diz ter sido concedida a redução de 50% sobre os preços da Tarifa Geral ao transporte das pessoas que participaram do 1.º Congresso Internacional de Criminologia, realizado em Roma nos dias 3 a 9 de Outubro de 1938.

Carta-Impressa n.º 164. — Idem, idem, ao transporte das pessoas que assistiram ao 1.º Congresso Internacional de Produtos Químicos, realizado em Roma nos dias 3 a 6 de Outubro de 1938.

Carta-Impressa n.º 165. — Relaciona os passes, bilhetes de identidade e anexos extraviados na 1.ª quinzena do mês de Setembro de 1938 e que devem ser apreendidos.

III — Movimento

Comunicação-Circular n.º 664. — Recomenda celeridade nos transportes de adubos que são expedidos pela C. U. F. e Sapec.

Comunicação-Circular n.º 665. — Refere-se a alterações havidas nos vagões de propriedade particular.

Comunicação-Circular n.º 666. — Idem, idem.

IV — Serviços Técnicos

Circular n.º 873. — Trata da alteração ao Livro E. 3 no que respeita à entidade a cargo da qual fica a conservação das pilhas dos aparelhos telegráficos e telefónicos das estações.

Instrução n.º 2315. — Estabelece a sinalização provisória de Contumil em virtude da abertura à exploração da Linha de Cintura do Pôrto.

Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial no mês de Setembro de 1938

	Antiga Rêde		Minho e Douro		Sul e Sueste	
	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados	Carregados	Descarregados
Período de 1 a 8 .	4.952	4.855	1.989	2.199	2.757	2.325
» » 9 » 15.	4.177	3.810	1.702	1.870	2.624	2.103
» » 16 » 22..	4.413	4.211	1.634	1.919	3.177	2.518
» » 23 » 30 .	5.344	5.001	2.035	2.201	3.759	3.149
Total	18.886	17.877	7.360	8.189	12.317	10.095
Total do mês anterior	18.452	17.103	7.088	7.828	9.133	8.167
Diferenças ...	+ 434	+ 774	+ 272	+ 361	+ 3.184	+ 1.928

Factos e informações

Ateneu Ferroviário

Passeio Fluvial

No vapor *Alentejo*, da Companhia, efectuou-se em 2 de Outubro o anunciado Passeio Fluvial, diurno, organizado pela Direcção do Ateneu por solicitação de muitos sócios que haviam tomado parte no Passeio Fluvial nocturno efectuado em 30 de Julho.

O *Alentejo* largou da ponte da estação do Terreiro do Paço pelas 13 horas, seguindo Tejo acima até Vila Franca de Xira, atracando à ponte da Sociedade Industrial de Vila Franca, onde os excursionistas desembarcaram, dispersando-se parte deles por aquela risonha vila ribatejana, em festa naquela data pela realização da sua importante Feira anual, dirigindo-se outros, com os Corpos Gerentes do Ateneu, para o Clube Vilafranquense, em cuja sede a «Orquestra Tipica de Portugal», sob a regência do maestro Sr. Carlos da Rocha Pires, realizou um concerto, que foi muito apreciado e aplaudido.

Às 17-30 horas o *Alentejo* tomou o caminho de Lisboa, navegando depois ao largo

em frente da cidade e, pelas 20-30 horas efectuou-se o desembarque.

Durante o passeio, quer à ida, quer à volta, dançou-se animadamente a bordo.

Este segundo Passeio Fluvial deixou, como o primeiro, gratas recordações em todos que nêle tomaram parte.

III Dia da Nataçào

Promovidas pelo jornal *Os Sports* e sob o título acima, realizaram-se, em 2 de Outubro na piscina do «Alhandra Sporting Clube», importantes provas de nataçào, em que tomaram parte mais de 400 nadadores.

A Secção Desportiva do Ateneu, aliás de recente organização, fez inscrever para as referidas provas os seguintes nadadores:

Infantis: Fernando Ferreira, Ludgero Pires Nogueira e Serafim Fonseca.

Homens: Abílio Alves Amorim, Alfredo Henriques, António Fernandes, António Simões, José Saraiva Lopes, Manuel Saraiva Ferreira e Manuel Ventim.

Veteranos: António Augusto Fernandes. Sem pretensões, mas apenas com o intuito



Grupo de sócios do Ateneu Ferroviário e suas famílias que visitaram em 23 de Outubro findo o Palácio Nacional da Ajuda

de marcar presença e de colaborar numa iniciativa digna de inteiro aplauso, o grupo de nadadores do Ateneu apresentou-se em Alhandra, onde, de facto, marcou uma posição interessante pelo aprumo dos seus componentes.

Os resultados conseguidos fôram os seguintes:

Infantis: 33 metros, bruços — Serafim Fonseca, 8.º lugar na classificação geral.

Homens: 66 metros, livres — António Simão, 9.º lugar na classificação geral.

Veteranos: António Augusto Fernandes, 1.º classificado.

À primeira vista estes resultados podem parecer insignificantes; deve, porém, ter-se em atenção que fôram obtidos em competição com cerca de 400 concorrentes. Mas mais do que os resultados, que são incidentes próprios de tôdas as competições, interessa-nos salientar que os componentes do grupo do Ateneu mereceram as lisongeiras apreciações dos membros do júri e agradáveis referências do jornal *Os Sports*.

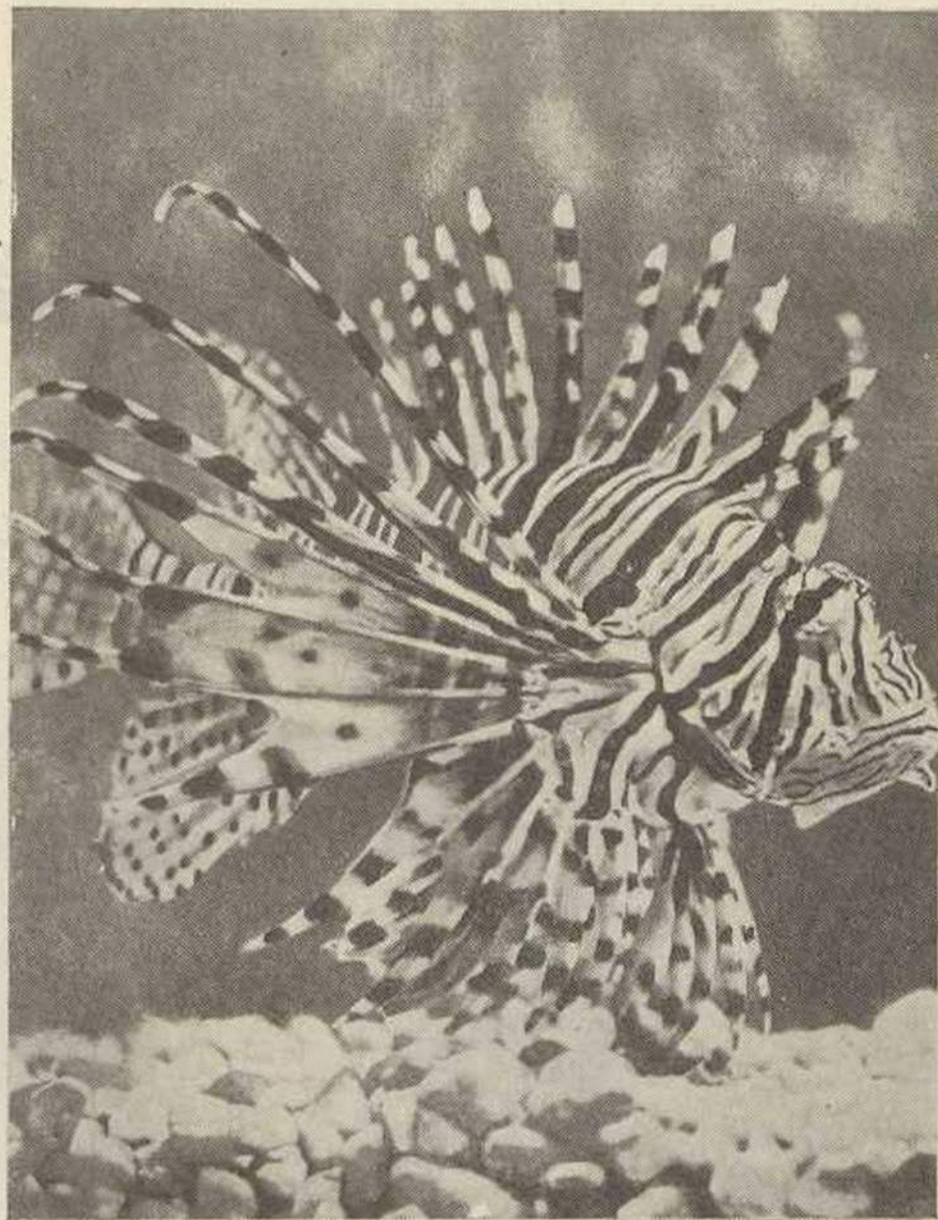
Regente da Banda

Por motivo da demissão do Maestro Sr. Capitão Manuel Ribeiro, foi nomeado Regente da Banda e Professor da aula de Música o Maestro Sr. Luiz Boulton, diplomado com distinção e louvor pelo Conservatório de Música do Pôrto, que já regia obsequiosamente a Orquestra do Grupo Cénico do Ateneu.

Curiosidades

O *pterois volitans*, de que publicamos esta vistosa fotografia, é um peixe que certamente leva a palma em beleza a todos os que habitam as águas cálidas dos escolhos e recifes construídos pelos corais e ainda aos que se vêem em exposição nos maiores e mais afamados aquários, entre os quais não devemos esquecer o denominado de Vasco da Gama, no Dafundo.

O estranho aspecto do animal é, sobretudo, devido ao avantajado desenvolvimento das



O pterois volitans

espinhas dorsais e, em especial, das peitorais, terminadas em três leques, que o seu possuidor move lentamente, librando-se na água, com um efeito incomparável de velas ondeantes, certamente superior, pela graça, ao produzido pelas grandes barbatanas dos peixes dourados.

As hastes das barbatanas reúnem-se só na base e deixam livre a extremidade.

Tôdas estas disposições têm funções precisas na biologia do animal e servem principalmente para a captura da presa.

A cor do *pterois volitans* acrescenta encanto e prestígio à forma: sobre um fundo claro, cor de carne ou fulvo, correm amplas estrias castanhas ou vivamente ruivas.

Errata

No quadro de «Agentes que completam 40 anos de serviço», do mês findo noticiámos, por lapso, que o Snr. António da Costa Bastos, Chefe de Repartição Principal, tinha sido admitido «em 21 de Outubro de 1898», quando deverá ler-se «em 21 de Setembro de 1898».

Pessoal

AGENTES QUE COMPLETAM 40 ANOS DE SERVIÇO



Alfredo Henriques Ferreira
Chefe de repartição
Admitido como ajudante de ferreiro
em 4 de Novembro de 1898



João Gil
Chefe de escritório de 2.^a classe
Admitido como assentador
em 26 de Novembro de 1898



Rosa da Silva
Guarda de P. N.
Admitida como guarda de P. N.
em 26 de Novembro de 1898

Agradecimentos

Pedem-nos a publicação dos seguintes agradecimentos:

Manuel Martins 5.^o, factor de 2.^a classe na estação do Barreiro, vem, por este meio, tornar público o seu reconhecido agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Silva Araújo, distinto operador e Director do Hospital de Santo António dos Capuchos, pela forma carinhosa e dedicação com que tratou sua esposa, Maria do Nascimento Vaz Martins, que foi sujeita a uma operação em Agosto último, salvando-lhe assim a vida. Pede muita desculpa, se ofender a modéstia que caracteriza S. Ex.^a. Agradece também a todos os camaradas ferroviários que se interessaram pela marcha da doença.

Jerónimo Ferreira, revisor de material de 2.^a classe, em Campanhã, vem, por este meio, agradecer muito reconhecidamente aos Ex.^{mos} Srs. Drs. Cunha Reis, José Braga, Oliva Teles, Carlos Birra e Serafim, bem como aos respectivos enfermeiros, por todos os desvelos e carinhos que lhe dispensaram durante todo o tempo que esteve internado no Hospital Geral de

Santo António, por motivo do desastre de que foi vítima, na estação de Ermezinde, no dia 3 de Julho último.

Igualmente se mostra muito reconhecido aos Ex.^{mos} Srs. Drs. Carlos Lima, Espregueira Mendes, Castelo Branco e Príncipe, por se terem interessado pela sua pessoa.

Muito grato fica também aos Ex.^{mos} Srs. General Vasconcelos Pôrto, Engenheiros Espregueira Mendes, Gomes Leal, Sousa Pires, Canavezes e Carvalho e, bem assim, ao Ex.^{mo} Sr. Marcelino da Silva, digníssimo Chefe da 3.^a Circunscrição da Exploração, aos Srs. Inspectores adjuntos, à Direcção do Sindicato dos Ferro-viários do Norte de Portugal e a todos os seus superiores, colegas e amigos, quer do Serviço a que pertence, quer de outros, pelas constantes visitas que lhe fizeram a quando da sua estada naquela casa hospitalar.

Por fim, deixa o seu preito de gratidão ao Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Gomes Leal, muito digno Chefe da 4.^a Circunscrição do Material e Tracção, ao Sr. Inspector Adelino Monteiro, ao Chefe de Ermezinde, Sr. Elísio de Sousa, ao Chefe de Revisão, Sr. Quelhas, e ensebador Oliveira, pelas rápidas providências que todos tomaram para a sua condução ao Hospital.

Exames

EXPLORAÇÃO

Chefes de 1.^a classe aprovados nos exames de concurso para Sub-Inspectores das linhas da Antiga Rêde, realizados no mês de Setembro findo

Distinto: Raimundo Duarte Geral de Oliveira.

Aprovados: Manuel da Costa Neve Júnior, Galiano Trindade da Silva, Antero Martins Gama e Pedro António Morgado.

Pessoal de estação aprovado nos exames realizados no mês de Outubro findo

Chefes de 2.^a para 1.^a classe:

Distintos: — Eliseu da Silva Ruivo, Manuel Martins, Artur Nozes de Almeida e João Carlos de Oliveira.

Aprovados: João Carlos Moraes Parra, José dos Reis, Vicente Valente, Fernando Matoso Pereira Albuquerque, Artur Rodrigues, Joaquim Daniel Lourenço Patacas, Manuel Branco Picado, Joaquim de Oliveira Jacob, Bernardino Coutinho Oliveira da Fonseca, Manuel Rodrigues de Almeida e Júlio Diniz Simões.

Factores de 3.^a para 2.^a classe:

Domingos Pereira de Alpoim Menezes, José Maria Correia, Armando Pinto da Costa Guimarães, Ilídio Soares Teixeira, Luiz Maria Marques, Tomé Ramos Enes, Arnaldo Artur Cruz Franco, Joaquim Matias de Jesus Pinto, Delfim Rodrigues Moreira, António Pinto, Luiz Artur Rodrigues, Acácio Nascimento Ferreira, Américo Augusto de Mesquita, João

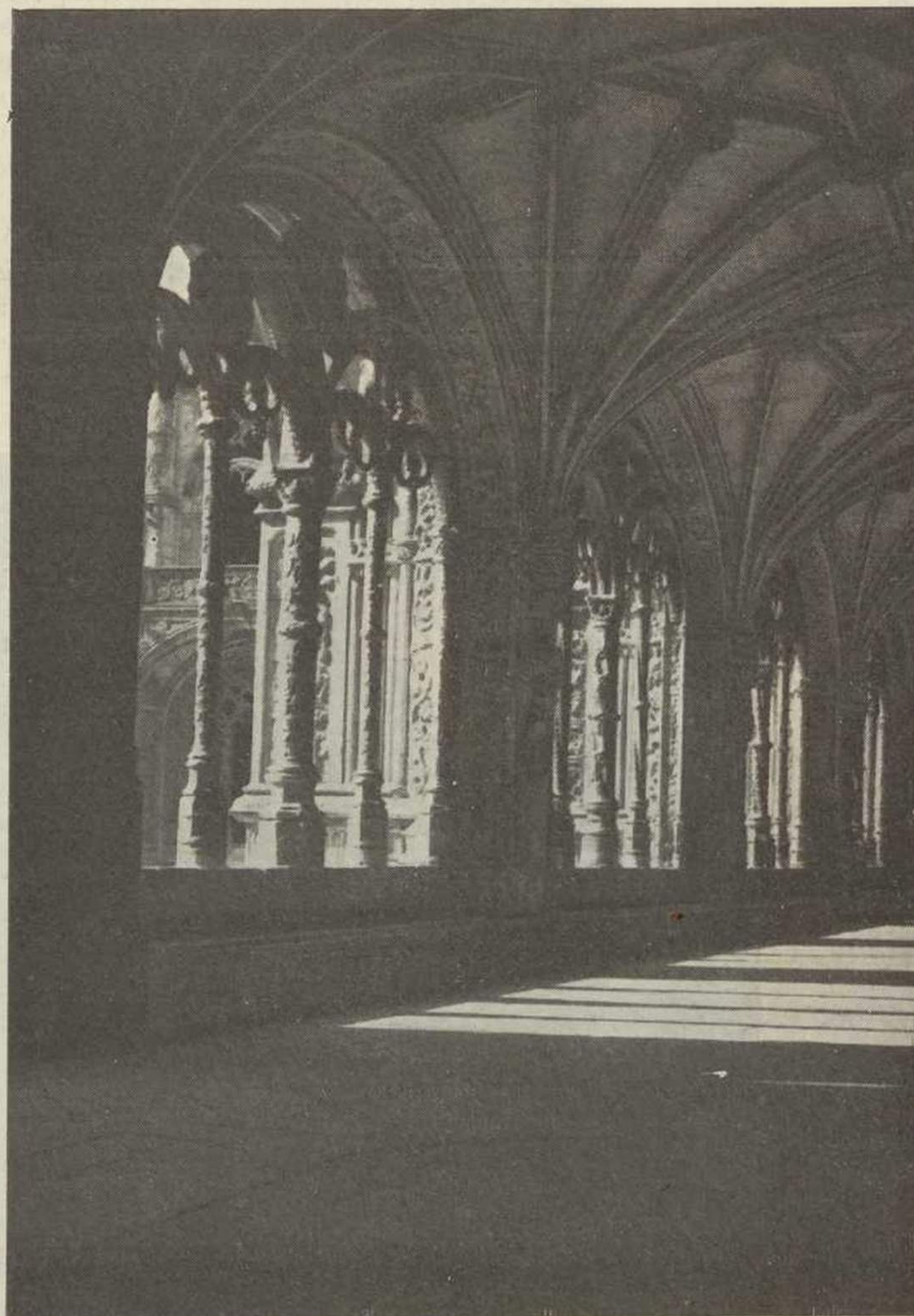
Pereira Dias, Júlio Maria da Fonseca, Joaquim de Carvalho, António Cardoso Seixas, José Augusto Coelho Sanches Castro Vilas Boas, António dos Santos Leitão, José Maria Patrício da Conceição, António Eduardo Domingues, Júlio Marciano Rita e Virgílio Augusto da Rosa Parreira Justino.

Aspirantes para factores de 3.^a classe: António José Dias, Adelino Jorge, Manuel das Neves Salgado Júnior, Manuel Ventura da Silva, António Henriques Lourenço, João Baptista, Augusto de Matos Roldão, Antó-



Tomar — Convento de Cristo

Fotog. de Virgílio Fialgo de Freitas, Empregado de 2.^a classe da Divisão de Via e Obras.



LISBOA

Mosteiro dos
Jerónimos

*Fotog. de Manuel Esteves Júnior,
empregado de 2.ª classe da Di-
visão de Exploração.*

nio de Matos, José Maria Galvão, Elias António Pereira, António Rodrigues de Almeida, António Moita Júnior, António Pereira, António Barros Ferreira da Silva, José Pimenta Raimundo, Manuel Henriques Veras, Martinho Pinheiro, Joaquim Fernandes Barbosa Júnior, Herminio Fernando Ramos Nogueira, António Leal, Manuel Ro-

drigues de Araújo, António Lourenço, Domiciano Vieira dos Reis, Artur de Oliveira, Mateus Costa, José da Conceição Jorge, Fernando Lopes Ferreira, Emílio Alves Taborda, Francisco Domingos Raimundo, Fernando Fernandes Farinha, José Machado Forte, António Velez Conchinhas e António do Couto.

Nomeações

Mês de Outubro

SERVIÇO DE SAUDE E HIGIENE

Médico da 40.^a Secção: Dr. José Mendes Moreira, residente em Paredes.

Médico da 45.^a Secção: Dr. Manuel Lopes Falcão, residente na Moita.

Médico da 67.^a Secção: Dr. Artur Fernandes Carvalhal, residente em Pias.

EXPLORAÇÃO

Engatadores: Alfredo Castanheira e Abílio Rodrigues Pereira da Silva.

Guardas de estação: Armindo Alves de Faria e António Ferreira da Silva.

Carregadores: Homero Bandeirinha, José Madeira, Francisco Manuel de Sousa, Abel da Silva, João Ferreira Ameal, Joaquim Pires, Miguel Alves Martins, Teófilo Gonçalves Martins, Manuel Miguel, Manuel de Sousa, José Inácio da Silva Júnior, José Gonçalves Nunes, António da Silva Claudino, Manuel José Correia, José Gonçalves do Couto, Lino Ferreira da Cruz, José de Sousa Júnior, João Baptista Veiga, Francisco Maria Morais Rosado, Alberto Sousa Ferro Charneira, José de Carvalho Abreu, Joaquim Coelho Cabanita, Manuel Francisco da Frutuosa, Manuel da Palma Soares, José Alves Bento, José Fortunato, Agnelo Inácio Nunes, António Pessanha Afonso e António Fronteira.

Promoções

Mês de Outubro

EXPLORAÇÃO

Capatazes de 2.^a classe: José Duarte Dias e José Augusto Godinho.

Agulheiro de 1.^a classe: Joaquim Martins.

Agulheiros de 2.^a classe: Manuel da Luz Pombo, Francisco Teixeira Leitão e Benjamin da Silva Dias.

Agulheiros de 3.^a classe: Vicente Dias Raposo, José dos Reis, Eduardo Carlos, José de Sousa Pedro, Francisco Alves, José Faustino da Silva Lopes, Firmino Dias Cunha, Francisco Mendes, Jaime da Silva Neto, João

Evangelista Gonçalves Grilo, Francisco dos Santos Mestre, António Gonçalves da Mina, Cândido Pinto Casimiro, Virgílio Teixeira, José Gomes Leal, José Bernardes Rasteiro, José Guerreiro, Manuel Luiz, Zacarias Alves, José Pinto Ribeiro Casimiro, José Gregório da Veiga e António Pires.

Transferências

Para o

SERVIÇO DE SAUDE E HIGIENE

O Empregado de 1.^a classe, Joaquim Ramos, da Divisão de Exploração.

Mudanças de categoria

Para:

Servente de W. C.: a *Servente de estação*, Maria José Galante.

Reformas

Em Setembro

SECRETARIA DA DIRECÇÃO GERAL

Eduardo André Neuville, Sub-Chefe de Repartição.

EXPLORAÇÃO

José Luiz, Chefe Principal, de Beja.

António Santos Franco, Chefe de 1.^a classe, de Mogofores.

José Francisco Bugalho, Chefe de 2.^a classe, de Sabugo.

José Emiliano dos Santos Carrusca, Fiel de estação, de Livramento.

João Aguilar, Encarregado de apeadeiro, de Benespêra.

António Marques Loureiro, Condutor Principal, de Lisboa

António Vieira, Agulheiro de 3.^a classe, de Cete.

Joaquim Maria Portela, Agulheiro de 3.^a classe, de Canha.

Ernesto Ramos Dias, Guarda de estação, de Pinhão.

António Vicente, Carregador, de Gaia.

Tiago António, Carregador de Lisboa Santo Amaro.

António Gomes Matias, Carregador, de Lisboa P.

Eduardo Pinto Ildefonso, Servente, de Régua.

VIA E OBRAS

José Gaioso de Penha Garcia, Chefe de Secção do Serviço de Abastecimentos.

Alfredo José de Barros, Chefe do distrito 420, Recarei.

António Bento, Assentador do distrito 37, Torre das Vargens.

José Luiz, Assentador do distrito 52, Vermoil.

Joaquim Ferrão, Assentador do distrito 4, 5.^a Secção, Marinha Grande.

Ana de Jesus, Guarda de passagem de nível do distrito 45, Paialvo.

Florinda de Jesus, Guarda de passagem de nível do distrito 52, Vermoil.

Joana Pratas, Guarda de passagem de nível do distrito 61, Taveiro.

Tereza da Costa, Guarda de passagem de nível do distrito 408, Midões.

MATERIAL E TRACÇÃO

José Martins, Chefe de maquinistas.

Artur Leitão, Contra-mestre de 1.^a classe.

João da Silva, Mestre de rebocadores.

Alfredo Teixeira, Ensebador de 2.^a classe.

António Branco, Guarda.

Falecimentos

Em Setembro

EXPLORAÇÃO

† *Manuel Puebla de Oliveira*, Agente-Comercial em Valência de Alcântara.

Nomeado Agente-Comercial em 1 de Julho de 1921.

† *José Gonçalves*, Agulheiro de 3.^a classe, de Barreiro.

Admitido como Carregador eventual em 1 de Maio de 1924, foi nomeado Carregador efectivo em 1 de Julho de 1927, nomeado Engatador em 21 de Maio de 1929 e promovido a Agulheiro de 3.^a classe em 21 de Outubro de 1930.

† *Alexandre Afonso*, Agulheiro de 3.^a cl., de Olivais.

Nomeado Carregador em 21 de Novembro de 1923, foi promovido a Agulheiro de 3.^a cl. em 21 de Março de 1925.

† *Rosalina Soares*, Servente de Lisboa R. Admitida como Guarda suplementar em 28 de Dezembro de 1913, passou a Servente em 21 de Março de 1927.

MATERIAL E TRACÇÃO

† *Manuel de Oliveira*, Vigilante do Depósito de Beja.

Admitido em 3 de Maio de 1914, como Limpador auxiliar, nomeado Fogueiro de 1.^a classe em 1 de Janeiro de 1919 e promovido a Vigilante em 1 de Julho de 1938.



† Manuel de Oliveira
Vigilante



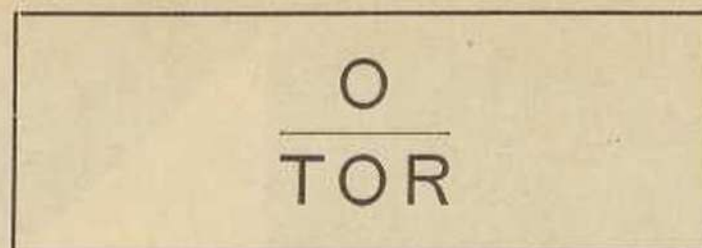
† José Gonçalves
Agulheiro de 3.^a classe



† Rosalina Soares
Servente

16 — A parte mais escura e profunda do inferno, consuma, todo aquêlê que imponha o encargo a qualquer com fins duvidosos — 3.

P. Rêgo



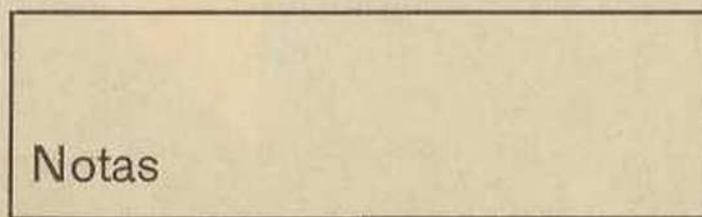
9 Letras

17 — Com bôa administração melhora os meus capitais — 2.

Mefistófeles

18 — A demanda foi decidida a meu favor pelo magistrado romano — 2.

Zéfran Cisco



5 Letras

Costasilva

Tabela de preços dos Armazéns de Viveres, durante o mês de Novembro de 1938

Gêneros	Preços	Gêneros	Preços	Gêneros	Preços
Arroz Nacional branco kg.	2\$60	Far. ^a de milho amarelo. kg.	1\$25	Queijo do Alemtejo kg.	13\$50
» » Mate.. »	2\$70	» » trigo	2\$15	Sabão amêndoa... »	1\$10
» » glacé »	2\$90	Farinheiras	6\$50	» Offenbach..... »	1\$80
Açúcar de 1. ^a Hornung »	4\$35	Feijão branco redondo.. lit.	1\$50	Sal..... lit.	20
» » 2. ^a »	4\$15	» frade	1\$50	Sêmea..... kg.	3\$85
» pilé	4\$35	» manteiga..... »	1\$90	Toucinho ... 4\$90 e	5\$20
Azeite de 1. ^a	6\$60	» avinhado..... »	1\$80	Vinagre —Lx. ^a , Gaia e Camp. ^a . lit.	1\$20
» » 2. ^a	6\$00	Lenha..... kg.	20	» —rest. Armazéns »	90
Bacalhau inglês kg. 4\$60 5\$25 e	5\$80	» de carvalho..... »	25	Vinho branco—Campanhã e Lisboa.. »	1\$20
» Sueco 4\$75-4\$80 4\$90 e	5\$10	Manteiga	16\$50	» » —Rest. Armazéns.... »	3\$85
Banha..... kg.	6\$40	Massas	3\$60	» tinto—Campanhã, Lisboa e Gaia »	1\$20
Batatas..... »	variável	Milho	85	» » —Rest. Armazéns..... »	90
Carvão sôbro..... kg. 4\$45 e	5\$50	Ovos	duz. variável		
Cebolas..... kg.	variável	Presunto..... kg.	11\$00		
Chouriço de carne	12\$50	Petróleo	lit 1\$40		
Far. ^a de milho branco.. kg.	1\$35	Queijo flamengo	kg. 22\$50		

Estes preços estão sujeitos a alterações, para mais ou para menos, conforme as oscilações do mercado.

Os preços de arroz, azeite, carnes, farinha de trigo, feijão, petróleo, vinagre e vinho no Armazem do Barreiro são acrescidos do imposto camarário.

Além dos gêneros acima citados, os Armazens de Viveres têm à venda tudo o que costuma haver nos estabelecimentos congêneres e mais, tecidos de algodão, atalhados, malhas, fazendas para fatos, calçado e louça de ferro esmaltado, tudo por preços inferiores aos do mercado.

O **Boletim da C. P.** tem normalmente 20 páginas, seguindo a numeração de Janeiro a Dezembro. Os 12 números formam um volume com índice próprio. Os números deste Boletim não se vendem avulsos.

Os agentes que queiram receber individualmente o Boletim, deverão contribuir com a importância anual de 12\$00 a descontar mensalmente, receita que constituirá um **Fundo** destinado a prémios a conceder aos contribuintes, por meio de concursos, e ainda a melhoramentos no Boletim.

Os pedidos devem ser transmitidos por via hierárquica à Secretaria da Direcção (**Boletim da C. P.**).